



GUERRA NA UCRÂNIA

Encontro Rússia-EUA “não quer dizer o fim da guerra”

A possibilidade de um encontro entre Sergey Lavrov e Antony Blinken foi saudada como uma excelente notícia, mas nada leva a crer que o conflito entre numa fase de contenção. Encontro Rússia-ONU pode fazer sentido, a prazo.

ANTÓNIO FREITAS DE SOUSA
 afsousa@jornaleconomico.pt



Foi com grande surpresa e uma avultada dose de esperança que ficou esta semana a saber-se do encontro que irá, em princípio, acontecer entre o ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia, Sergey Lavrov, e o seu homólogo norte-americano, o secretário de Estado Antony Blinken.

Sem se saber ao certo se será presencial ou não e em que data acontecerá, convém, contudo, não esquecer o simples facto de ter sido aceite é um grande passo no que parece ser o caminho para a resolução da guerra na Ucrânia. É que, desde o início do conflito, em 24 de fevereiro passado, o lado norte-americano tentou por várias vezes organizar um encontro entre os dois países, mas a Rússia nunca mostrou qualquer interesse.

A última tentativa deu-se no início deste mês, mas a resposta da Rússia foi sempre “não”. Aparentemente – e depois da assinatura do chamado acordo dos cereais – a Rússia mudou de posição.

Ao mesmo tempo, e sem que haja grande informação sobre o assunto, aguarda-se que a Rússia e a Turquia confirmem um encontro para breve entre os presidentes dos dois países, Vladimir Putin e Recep Erdogan – que em princípio deverá acontecer em Sochi, estância balnear da elite russa (Estaline tinha lá casa de praia) no Mar Negro. Mas convém também ter em vista que, a suceder, “o encontro entre as duas partes, entre Lavrov e Blinken, não quer dizer o fim da guerra”, alerta André Pereira Matos, docente e investigador da Universidade Portucalense. “Não tenho essa expectativa”, diz ao Jornal Económico. Nem ninguém tem: (quase todos) os analistas de todos os quadrantes e geografias saudaram a possibilidade do encontro, mas saltaram daí para a paz. “De qualquer maneira, é um caminho que se inicia e tem o maior interesse”, refere Pereira Matos.

E António Guterres?

O próximo passo desse caminho



pode ser um encontro entre Lavrov – ou alguém do mesmo nível que o ministro dos Negócios Estrangeiros, que só poderia ser Putin – e o secretário-geral da ONU, António Guterres. Pereira Matos concorda com a premência do encontro, mas diz que este “dependerá da percepção que resultar deste primeiro encontro com Antony Blinken”, por um lado, e “da forma como os Estados Unidos se portarem”. Ou seja, “se a Rússia tiver uma percepção positiva do encontro e entender que isso lhe terá utilidade, é possível que esse segundo encontro venha a acontecer”, acrescenta.

Para o investigador, uma das grandes vantagens do encontro previsto é que diminui o ruído entre as duas partes. “Os recados enviados constantemente pela comunicação social só servem para aumentar a tensão, porque são sempre declarações reativas, que não contribuem em nada para o fim do

conflito”. Seja como for, diz, é em encontros bilaterais e balizados pela ação diplomática “que as duas partes envolvidas tenderão a moderar posições”.

E Volodymyr Zelensky?

Por outro lado, importa realçar que a Lavrov – e necessariamente a Putin – não passará pelas suas intenções encontrar-se com Volodymyr Zelensky, presidente do país que o seu governo entendeu

“Os recados enviados constantemente pela comunicação social só servem para aumentar a tensão, porque são sempre declarações reativas, que não contribuem em nada para o fim do conflito”

invadir. É como se, dizem vários analistas (entre eles o Embaixador Francisco Seixas da Costa), a Rússia ultrapassasse o assessorio e aceitasse ir à raiz do problema. Ou, para os mais extremistas, a paz na Ucrânia não passa por Kiev, mas por Washington.

E também por Bruxelas, não por ser a capital da União Europeia, mas por ser a sede da NATO. De algum modo, este encontro diz isso mesmo: a questão da Ucrânia resvala para o lado instrumental, como se fosse apenas uma ocorrência no quadro mais amplo das relações entre duas superpotências mundiais. O problema é que os Estados Unidos – e o seu presidente em particular – decidiram retirar essa qualidade à Rússia e atribuí-la à China, e quem está a pagar por esse erro de avaliação é a Ucrânia.

Mas, como enfatizou André Pereira Matos, o encontro entre os dois ministros e esta nova postura

da Rússia face ao conflito resulta também do facto de a Rússia poder ter interesse numa ‘desescalada’ do conflito. O desgaste da guerra e das sanções, as necessidades de financiamento e a possibilidade – cada vez maior à medida que o conflito se arrastará no tempo – de se criar na sociedade da Rússia um sentimento de rejeição como o que parece ter havido em relação à guerra do Afeganistão, terão peso na avaliação do Kremlin.

Com os níveis de esperança repostos no lugar, o mundo espera agora o encontro entre as duas partes, sendo incerto que não venha a registar um ano de guerra no próximo dia 24 de fevereiro – curiosamente, o dia em que, em Paris em 1848, tinha lugar a primeira revolução de caráter vincadamente nacionalista, cujas repercussões se sentiriam em toda a Europa (da Prússia à Sérvia, passado pela Itália, que ainda não existia) nos meses seguintes. ■



ID: 100436049

29-07-2022

16

Encontro Rússia-EUA
"não quer dizer
o fim da guerra"

